



***SERÁ QUE ELES VOLTARAM PARA FICAR? HOMENS NA DOCÊNCIA  
DOS ANOS INICIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO***

***ESTÁN AQUÍ PARA QUEDARSE? LOS HOMBRES COMO  
PROFESORES EN LOS AÑOS INICIALES DE LA ESCUELA***

***ARE THEY BACK TO STAY? MEN IN THE OFFICIAL TEACHING OF  
THE INITIAL YEARS OF SCHOOLING***

*Fátima Aparecida Coelho Gonini*<sup>1</sup>  
*Rita de Cássia Petrenas*<sup>2</sup>  
*Valéria Marta Nonato Fernandes Mokwa*<sup>3</sup>

**RESUMO**

Buscamos refletir sobre a presença de homens no curso de Pedagogia, caracterizado como curso feminino, nas últimas décadas, em nosso país. Para atingir o objetivo, realizamos levantamento bibliográfico e aplicamos um questionário com quatro participantes, sendo a análise do material feita através da Análise de Conteúdo Temática. A análise procedeu a partir das questões respondidas, realizando agrupamentos de temas considerados análogos, através de aspectos relevantes destacamos a valorização dos participantes por cursarem o ensino superior, a vontade de continuar estudando em áreas da educação, a consciência que podem fazer a diferença na mudança da sociedade e que a temática de gênero é pouco discutida nos cursos de formação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação docente. Práticas escolares. Gênero.

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Educação. Integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação. Integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Educação. Integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil.

## RESUMEN

Buscamos reflexionar sobre la presencia de hombres en el curso de Pedagogía, siempre caracterizado como un curso femenino durante las últimas décadas en nuestro país. Para alcanzar la meta, llevamos a cabo un enfoque bibliográfico y aplicamos un cuestionario realizado por cuatro participantes, y el análisis del material se llevó a cabo a través del análisis de contenido. El análisis procedió de las preguntas que fueron respondidas, haciendo grupos de temas similares. Como aspectos relevantes que surgieron, podemos destacar el valor que los participantes asignaron a la educación superior, la voluntad de continuar estudiando en áreas relacionadas con la educación, la idea de que pueden hacer una diferencia en la sociedad y que el tema del género es muy poco discutido en los cursos de formación docente.

**PALABRAS-CLAVE:** Formación del profesorado. Prácticas escolares. Género.

## ABSTRACT

We sought to reflect about the presence of men in the Pedagogy course, always characterized as a female course for the last decades in our country. In order to reach the goal, we carried out a bibliographic approach and applied a questionnaire taken by four participants, and the analysis of the material was carried out through content analysis. The analysis proceeded from the questions that were answered, by making groups of similar themes. As relevant aspects that rose, we can highlight the value that the participants placed in higher education, the will to continue studying in areas related to education, the idea that they can make a difference in society, and that the gender theme is very little discussed in the teacher formation courses.

**KEYWORDS:** Teacher training. School practices. Gender.

\*\*\*

## Introdução

O curso de Pedagogia no Brasil passou por diversas mudanças desde a sua criação em 1939 na busca de se consolidar como uma profissão valorizada e capaz de instrumentalizar profissionais para atuarem como formadores de cidadãos críticos e reflexivos, pois várias foram as discussões que emergiram sobre as funções do pedagogo a ser formado.

Para Silva (2006) a história desse curso tem sua própria busca de identidade enquanto curso de formação/graduação e identifica quatro períodos distintos: o das regulamentações (1939 a 1972), indicações (1973 a 1978), propostas (1979 a 1998) e o dos decretos (a partir de 1999).

A partir do ano 2000 o número de cursos de licenciatura em Pedagogia aumentou consideravelmente, inclusive na modalidade Educação a Distância, porém, o perfil do

público que o procura não mudou muito nas últimas décadas, predominando o sexo feminino, apesar de mesmo em percentual pequeno, encontrarmos cursando representante do sexo masculino.

A procura do curso de Pedagogia pelo sexo masculino, incitou-nos alguns questionamentos, tais como: quem são os homens que procuram esse curso? Esses alunos do curso de Pedagogia pretendem lecionar nos anos iniciais da educação básica?

### **A Constituição do Magistério**

Historicamente o magistério por muito tempo era exercido apenas por homens, assim como o direito de frequentar a escola (LOURO, 2009).

No início da instrução formal para mulheres, inclusive para a docência, os currículos eram diferenciados, a organização curricular destinada ao sexo feminino enfatizava a agulha e o bordado aquém da instrução propriamente dita e sem acesso à geometria, restringindo apenas à aritmética focando as quatro operações, fato esse que fazia com que a remuneração da professora fosse menor do que a do professor, reforçando a discriminação de gênero.

No Império, devido à lastimável condição do ensino e à baixa instrução do povo, propõe-se a criação de Escolas Normais para a formação de professores que, embora atendessem uma clientela de ambos os sexos, no decorrer do curso a frequência tornou-se quase que exclusiva feminina.

De início as Escolas Normais eram precárias, apresentavam restrições orçamentárias e muitas vezes, funcionando com o improviso; além disso, a sociedade reagia mal à entrada da mulher nos estudos. Essas escolas não tinham o requinte dos Liceus e Colégios Secundários, com o passar do tempo começaram a atrair as moças de famílias mais abastadas que buscavam aumentar o grau de escolarização antes do casamento (vindo daí a expressão corriqueira curso espera marido), embora também se destinasse àquelas que pretendiam seguir a profissão.

Em meados século XIX houve um aumento de alunas frequentando as Escolas Normais, mas ainda era considerado com arrojo entregar crianças para o aprendizado com o sexo feminino, pois a mulher era vista como incapaz. Entretanto, a Escola Normal desempenhou importante papel na formação profissional e cultural da mulher brasileira.

Segundo Fagundes (2005), o afastamento do homem da docência das primeiras letras foi atribuído aos baixos salários do magistério, que vem se agravando há anos.

A formação do magistério em nível superior surgiu somente em meados de 1930, seguido de leis, diretrizes e decretos instituídos em torno dos cursos de Pedagogia e destacamos que o magistério da Educação Básica é hoje basicamente feminino e palco das diferenças constituídas pela discriminação que envolve o gênero, tais como salários mais baixos, pouca valorização social, mídia que segrega e desvaloriza a profissão, dentre outros apontamentos.

Pensando nesses pressupostos buscamos nesse trabalho refletir o porquê a procura desse curso por pessoas do sexo masculino, fato contrário ao que parece a ordem normal da feminização do magistério.

Apreendemos que nos cursos de formação docente a temática de gênero é pouco abordada, sendo a docência nos anos iniciais de escolarização considerada propícia à mulher, compondo o imaginário social como educadora nata, reforçando a feminilidade como inerente a profissão (CARDOSO, 2004; MARIANO, 2012).

Desse modo, cria-se um estereótipo em torno dos indivíduos do sexo masculino que procuram à docência na fase inicial de escolarização, considerando-os afeminados ou homossexuais, e esses pré-conceitos necessitam ser discutidos, desconstruídos e ressignificados.

### **Realização da Pesquisa/ Resultados e Discussões**

A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada em uma instituição de ensino universitário de pequeno porte, do interior paulista e para sua realização adotamos como critério, participantes do sexo masculino que tenham frequentado ao menos 02 semestres do curso de Pedagogia nessa instituição desde a data de abertura, 2006.

Para coleta de dados utilizamos como instrumento um questionário aberto (APÊNDICE A), contendo 16 questões, que foram respondidas individualmente pelos participantes na própria instituição.

Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 1977), possibilitando a descrição dos conteúdos apresentados e o agrupamento de temas considerados análogos, elegendo categorias e subcategorias.

Apresentaremos a seguir alguns dados obtidos com a análise dos questionários respondidos pelos participantes da pesquisa, que por razão de sigilo serão denominados de João, Pedro, Mateus e Tiago.

**QUADRO 1:** Professor / Docência: (N=ocorrências<sup>4</sup>)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Curso Superior	Incentivo/Realização de sonho	09
	Crescimento humano	24
	Crescimento Profissional	08
	Aumenta conhecimento/ Educação	06
Discriminação por ser Pedagogo	Não	04
	Fazer outro curso/ Não seguir carreira de pedagogo	10
Professor de Educação Infantil	Não é fácil/Muita discriminação/ Estranho	03
	Absolutamente Normal	05
	Iguais entre os sexos	04

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Consideramos a escrita como um todo e por meio da análise temática encontramos três categorias: Curso Superior, Discriminação por ser Pedagogo e Professor de Educação Infantil.

Apreendemos que os participantes fazem uma analogia com suas vivências e, neste caso, destacamos o desejo de cursar a graduação e se tornar professor e o curso de pedagogia foi uma escolha acertada, pois proporciona educação, crescimento humano e profissional.

Segundo Libâneo (2007) a Pedagogia hoje, no Brasil, apesar de viver um paradoxo e ser colocada em xeque pelos setores intelectuais e profissionais do meio educacional, está em alta na sociedade, pois vários meios profissionais assistem a redescoberta do pedagogo, mesmo se observando que há ocorrências destacando a vontade de realizar outro curso e não seguir a carreira de pedagogo.

Nossa sociedade assiste a uma expansão do número de vagas no ensino superior, algo que tem sido estimulado pelas políticas públicas a fim de se obter um número maior de pessoas com esse nível de ensino. Em um país que historicamente negou a educação para os seus cidadãos, ter a oportunidade de realizar um curso superior torna-se uma conquista, tal como destacado por um dos participantes, com bastante emoção:

Confesso que a priori, a ideia era simplesmente um curso de nível universitário, ou seja, daria um passo importante para realizar meu sonho de possuir um curso de nível superior, [...] ao ter contato com os professores e [...] matéria descobri a beleza e necessidade de aprofundar nestes conhecimentos (PEDRO).

<sup>4</sup> Houve mais de uma resposta em que apresentaram esses temas, para análise de conteúdo também são utilizadas respostas que se repetem com participantes iguais ou diferentes.

Realizar o curso superior fez com que os alunos se sentissem incluídos socialmente, ter possibilidade de ascensão social e, futuramente, econômica, acreditando na melhoria de vida. Em estudo realizado com camadas desfavorecidas da população, Zago (2006, p. 230) destaca que entrar no ensino superior para tais sujeitos não é algo tão simples e natural, pois “[...] chegar a esse nível de ensino nada tem de ‘natural’ [...]”. “Entre a decisão de prestar o vestibular e o momento de inscrição há um longo caminho a ser percorrido, acompanhado de um grande investimento pessoal [...]”.

Consequentemente, os alunos entendem que terão um papel importante e diferenciado nas transformações sociais, uma mudança efetiva na vida de outras pessoas, sejam crianças ou adultos como narra Thiago “[...] acredito que a educação seja a mais fundamental para o desenvolvimento das pessoas [...]”.

Para esses homens a opção pela Pedagogia parece ser a mais sensata e adequada, pois o curso proporciona outras habilidades e entendimentos para a vida, além da docência, como exposto pelo participante João “[...] crescer profissionalmente [...]”.

A procura pelo curso de Pedagogia pode ser vista como possibilidade de opções diversas, meio de ascensão para outras funções ou mesmo enriquecimento para seguir a carreira do magistério, um suporte pedagógico, o que pressupõe uma falta de identidade com a própria docência nos anos iniciais de escolarização, ficando contraditória e ideológica a posição firme de formação do cidadão através do ser professor.

A ânsia de continuar os estudos, de ter outras perspectivas de atuação além da docência, é evidente nos participantes, o curso de Pedagogia pode ser classificado como uma possibilidade de entrada para a vida universitária e início de uma profissão, que futuramente será mudada.

A negativa dos participantes quanto à discriminação no curso por serem do gênero masculino é unânime, visto que a maioria são do sexo feminino.

Contudo, Pedro, nos leva a pensar a respeito do posicionamento dos participantes diante da pergunta se o curso mudou algo em suas vidas pessoal e profissional, já que são seres sociais imersos em contextos diversos, marcados por diversidades culturais, econômicas e políticas, e a própria interação desses fatores influencia e “constitui” o como ser docente.

É importante perceber que nessa constituição à aquisição do conhecimento faz a diferença, pois reestrutura, reelabora o tornar-se professor, assim, o curso de pedagogia

faz um diferencial, havendo sempre possibilidades de mudanças, para novos aprendizados e formações.

Acredito que este curso mudou-me para melhor como pai, filho, marido, avô, amigo [...] eu não vejo a pedagogia como curso feminino, e como meu ponto de vista faz parte de meu modo de ser, eu digo: “Tô nem aí, tô nem aí...”. As opiniões alheias não podem e não devem interferir em nossas decisões. (PEDRO).

Os participantes não destacaram o dom, o gostar de criança, porém, valorizam a cientificidade, as teorias, a política que permeiam a prática pedagógica, acreditamos por essa temática ter sido trabalhada insistentemente no curso. Para eles pouco importa a questão da discriminação, pois a formação é mais importante, sendo o objetivo pelo qual estão no curso superior.

[...], mas também quero tornar doutor em Filosofia ou Ciências Sociais. (TIAGO).

[...] estou muito ansioso em concluir logo meus estudos para enfim poder exercer essa tão linda e importante profissão de pedagogo. (MATEUS).

A docência na educação infantil realizada pelo sexo masculino é pouco discutida nos cursos de formação, pois há uma pressuposição presumida e cristalizada que ainda hoje esse é papel da mulher e, portanto, não há discussão e questionamento.

Contudo, os participantes da pesquisa sinalizam não se importar com esse possível direcionamento da educação infantil para as mulheres pois, quando questionados destacam:

Penso ser algo normal e eficiente, pois tem profissionais masculinos que desempenham muito bem e com êxito sua profissão e que conseguem cativar uma interação entre professor e aluno e aluno e professor, muito bem definida e saudável, com resultados satisfatórios. (MATEUS).

Absolutamente normal, eu vejo que as competências e capacidades são iguais independente de sexo masculino ou feminino, professor é professor, não podemos nos prender em níveis de escolaridade para dizer se deve ser professor ou professora. (PEDRO).

Os participantes asseguram que o gênero e o sexo não influenciam na prática docente. As diferenças entre os sexos vão muito além, das diferenças biológicas/sexuais,

são produções das construções sociais, históricas e culturais na qual cada indivíduo está inserido e o campo social entra em destaque, incluindo a escola.

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que nos foram apresentados, mas referem-se a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professores e professoras. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje dessas instituições, têm a ver com as formas como construímos as nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p.70).

Para a autora a sociedade percebe o gênero como sendo funções que devem ser realizadas pelo homem e pela mulher, ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos e, os conhecimentos informais são mais percebidos pelo indivíduo do que o conteúdo programático.

A questão de gênero ainda é silenciada nos currículos do curso de Pedagogia e demais licenciaturas, sendo complexo, quando no cotidiano escolar nos deparamos com um docente do sexo masculino na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, parece haver um “deslocamento” do profissional.

Esse cenário gera estereótipos, tabus e mitos acerca do profissional masculino que se dispõem na arte de ensinar nos anos iniciais da educação básica. A educação sexual inadequada e impregnada de preconceitos oferecida na escola ou família, a respeito dos papéis sociais de homens e mulheres, corrobora para acreditar que a função docente na educação infantil deva ser exercida apenas por mulheres.

Mariano (2012, p. 611) aponta, "Preocupam-nos os estereótipos encontrados na formação de professores/as, sobretudo, aqueles que pressupõem que todo homem que se dirige à docência na escola básica [...] é homossexual; o mais grave é uma identidade adicional que ganham: homossexual e pedófilo."

Os participantes, futuros docentes discordam do padrão social a respeito da representação do pedagogo do sexo masculino, o que implica a necessidade reflexões para propiciar mudanças de concepções, evidenciando que a docência pode ser exercida por todos independente do sexo.

## Conclusão

A presente pesquisa objetivou enveredar pelos caminhos de inversão, realizando apontamentos sobre a entrada do sexo masculino no campo pedagógico, especificamente da docência dos anos iniciais da educação básica.

Os resultados evidenciaram que a formação em Pedagogia é terreno fértil para se estabelecer, mudança social, e também porta de entrada para academia que não se esgotará única e exclusivamente nesse curso.

A busca por mudanças sociais e econômicas, a falta de emprego, a possibilidade de melhores salários, impulsionam esses indivíduos a ingressarem no campo da docência; não se intimidam e superam as possíveis discriminações quanto à sua masculinidade, percebem os desafios da profissão como importantes para a realização pessoal e profissional.

Os participantes possuem uma visão ingênua em relação as mudanças que a docência pode proporcionar na sociedade e não destacam em momento algum os percalços da profissão e o desprestígio social que os/as docentes vêm sofrendo.

Finalizamos nossa reflexão, certas de que nos distanciamos do imaginário de “professorinha casadoira e normalista” dos anos de 1930, e creditamos que há espaço para os professores homens que buscam construir sua própria identidade profissional, seu lugar de trabalho e a formação do cidadão no palco da docência.

## Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, F. A. Homem fora do lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, Poços de caldas, 2004. *Anais ...Poços de Caldas, Anped, 2004*.

FAGUNDES, T. C. P. C. *Mulher e pedagogia: um vínculo re-significado*. Salvador: Helvécia, 2005.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 443-481.

\_\_\_\_\_. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

MARIANO, A. L. S. Corpo, gênero e sexualidade: das práticas de formação às práticas escolares cotidianas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica,

gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2012. 1 CD-ROM.

SILVA, C. S. B. da. *Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

Recebido em Outubro de 2018.

Aprovado em Dezembro de 2018.

## APÊNDICE A /Questionário

- 1) Data em que está respondendo:
- 2) Nome
- 3) Idade -
- 4) Estado civil -
- 5) Tem filhos? Se afirmativo quantos?
- 6) Atualmente profissão que atua:
- 7) Antes de iniciar o curso de Pedagogia qual profissão exercia:
- 8) Você tem algo a dizer sobre sua trajetória escolar?
- 9) Algum professor marcou sua vida (pessoal e/ou profissional? Você pode contar por quê?
- 10) Por que você decidiu fazer o curso de Pedagogia?
- 11) Você pensou em realizar outro curso sem ser Pedagogia? Qual? Por quê?
- 12) O que o curso de Pedagogia acrescentou na sua vida pessoal?
- 13) O que o curso de Pedagogia acrescentou na sua vida profissional?
- 14) Você alguma vez se sentiu discriminado por cursar Pedagogia (por ser considerado no senso comum como um curso feminino)?
- 15) Você pretende seguir carreira na área? Justifique sua resposta.
- 16) O que você pensa do professor de Educação Infantil ser do sexo masculino?